

DIMENSÕES

Revista de História da Ufes

As metamorfoses do Sidus Iulium na iconografia monetária: uma análise das apropriações da estrela/cometa de César nas moedas romanas do séc. I a.C.

The metamorphoses of Sidus Iulium in monetary iconography: an analysis of the appropriations of Caesar's star/comet in Roman coins from the 1st century BC

Thiago Eustáquio Araújo Mota¹

Resumo: O presente artigo tem por objetivo investigar, a partir das fontes numismáticas e dos vestígios do Templo do Divino Júlio, o processo de construção da divindade de César e sua vinculação com o cometa/estrela de 44 a.C. Para isso, foi selecionado um *corpus* monetário datado entre o final do governo de Caio Júlio César e a década de 10 a.C. do Principado de Augusto. Respeitadas as características formais e tipológicas da referida documentação, as moedas apresentam um contraponto interessante às narrativas historiográficas e testemunhos poéticos no que diz respeito ao tema da divinização de César e ao tratamento dado ao fenômeno celeste de 44 a.C.

Palavras-chave: Divinização; *Sidus Iulium*; Otávio; Moedas romanas; Principado.

Abstract: This article aims to investigate, from numismatic sources and the ruins of the Temple *Divus Iulius*, the process of manufacturing Caesar's divinity and its connection with the comet/star of 44 BC. For this purpose, was selected a monetary corpus dated between the end of the rule of Gaius Julius Caesar and the 10 BC of Augustus' Principate. Respecting the formal and typological characteristics of this kind of source, the coins present an interesting counterpoint to the historiographical narratives and poetic testimonies regarding the theme of Caesar's divinization and the perception of this celestial phenomenon of 44 BC.

Keywords: Deification; *Sidus Iulium*; Octavio; Roman coins; Principate.

¹ Professor Adjunto de História Antiga da Universidade de Pernambuco, *campus* Petrolina, Doutor em História pelo PPGH/UFG, pesquisador do LEIR/UFG e coordenador do GEEPA, Grupo de Estudos sobre Épica e Performatividade na Antiguidade (GEEPA). E-mail para contato: theamotta@gmail.com ou thiago.mota@upe.br



Introdução

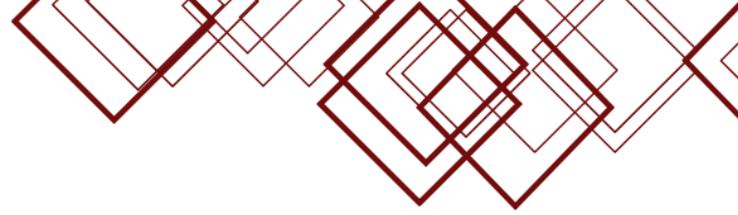
Formados essencialmente por gelo, poeira e gás, os cometas estão entre os poucos objetos celestes que podem ser avistados a olho nu da Terra quando atingem a fase de proximidade do sol, ou periélio. A recente aproximação do *Neowise* mobilizou uma legião de curiosos em todo o mundo que madrugaram para obter um registro fotográfico do cometa. Se na era digital podemos antecipar a órbita destes objetos, a manifestação, geralmente súbita, dos cometas trazia um desafio às categorias de explicação dos povos da Antiguidade. Inexiste entre os autores clássicos uma percepção unívoca destes fenômenos celestes. Se para Aristóteles (*Metereológica*, 344a-345a) os cometas não passavam de ocorrências naturais, causados pela evaporação da atmosfera terrestre, para Cícero (*Sobre a natureza dos deuses*, II, 14) as estrelas comadas eram perturbações claras na regularidade cósmica e mensageiras de grandes calamidades.

Alguns governantes helenísticos incorporaram os cometas como símbolos heráldicos em suas narrativas de triunfo político. Mitrídates VI, soberano do Ponto e temido antagonista dos romanos, por exemplo, associou seu nascimento e ascensão à passagem de um cometa (RAMSEY, 2006). Várias moedas cunhadas pelo soberano ostentam uma estrela de oito raios com uma cauda. Tigranes II, soberano da Armênia, também associou sua efígie a um cometa, como aparece em algumas moedas cunhadas em Antioquia (GURZADYAN; VARDANYAN, 2004).

O astro que cortou os céus de Roma em 44 a.C., durante a celebração dos *Jogos à Vitória de César*, é talvez o evento astronômico mais conhecido da Antiguidade, tendo em vista as apropriações poéticas e usos políticos deste acontecimento. Augusto registrou o acontecimento em suas memórias ou *Commentarii de Vita Sua* em um trecho reproduzido por Plínio, o Antigo, na *História Natural*, como podemos ver a seguir:

Quando naqueles próprios dias dos meus jogos, uma estrela comada [cometa] por sete dias, na região do céu, sob a Ursa Menor, foi avistada. Ela surgiu, por volta da décima primeira hora do dia, radiante e por toda a parte foi visível. Por aquele astro, a população confiou ser revelado que a alma de César fora recebida entre os numes dos deuses imortais, porque aquele sinal, com o nome, foi adicionado à estátua de César, que pouco depois no Fórum consagramos (Plínio, *História Natural*, II, 93, tradução nossa).²

² Nossa tradução toma como referência a edição inglesa da Loeb Classical Library: PLINY. *Natural History*. Trans. H. Rackham. London: William Heinemann, 1967.



No que é possível depreender do trecho transcrito acima, Otávio se apresenta como principal agente da divinização de César, legítimo executor da vontade do povo – *uulgus* – que reconheceu na manifestação do astro um sinal da apoteose do *Dictator*. Logo, o sobrinho neto de César teria consagrado no Fórum uma estátua com este sinal (o cometa) atado à parte superior da cabeça. Dion Cássio (*História Romana*, XLV, 7.1), historiador do período Severiano (séc. II d.C.) descreve o episódio dos jogos em termos semelhantes. Mauro Sêrvio Honorato (*Comentário à Eneida*, VI, 790), gramático do século IV d.C., vai um pouco além ao sugerir que Otávio manipulou a opinião pública para que os espectadores acolhessem o portentoso como um fato auspicioso, ao dizer que a “população acreditou se tratar da estrela de César mediante a persuasão de Augusto”.³ As descrições de Sêrvio e Dion Cássio partem, possivelmente, da mesma fonte citada por Plínio na *História Natural: os Commentarii de Vita Sua* de Augusto, compostos e publicados vinte anos depois do acontecimento (SMITH; POWELL, 2009).

Assume-se por estes relatos extemporâneos que Otávio teria, logo no início de sua carreira política e militar, uma influência considerável sobre a opinião pública romana, além do controle sobre as representações literárias e a imagética do cometa de 44 a.C. Como desdobramento disto, ele teria assumido o protagonismo na luta pelo reconhecimento da divindade do pai adotivo. Porém, ao analisar, mais detidamente, a documentação literária e numismática contemporânea e o processo histórico em seus meandros, o quadro que se apresenta é bem mais complexo e lacunar.

Em primeiro lugar, nenhuma fonte anterior aos *Commentarii de Vita Sua* menciona o cometa propriamente dito. Não há qualquer referência ao evento astronômico em toda a documentação de Marco Túlio Cícero, o que torna os textos poéticos de Virgílio e Horácio os únicos registros literários mais próximos temporalmente do portentoso. Virgílio (*Bucólica*, IX, 46-49), nas *Bucólicas*, compostas entre 42 e 38 a.C., refere-se a ele como *astrum caesaris* ou “astro de César” que exerce influência benéfica sobre as vindimas. Do grego ἄστρον, a palavra expressa o sentido geral de corpo luminoso que pode ser tomado como sinônimo de estrela e, no plural, como metáfora das moradas celestes (GLARE, 1968, p. 193). Horácio (*Odes*, I, 12), em uma passagem muito discutida de suas *Odes*,⁴ compara a projeção da fama de Marcelo ao

³ No original: “persuasione Augusti Caesaris esse populus creditit”.

⁴ Várias possibilidades de interpretação deste trecho são trazidas pelos especialistas em Horácio, seja como metáfora de divindade (PANDEY, 2013, p. 426); juventude e beleza, em uma apropriação de um motivo épico (NISBET; HUBBARD, 1970, p. 162-63); ou como referência à deificação de César (TEIXEIRA, 2018, p. 207).



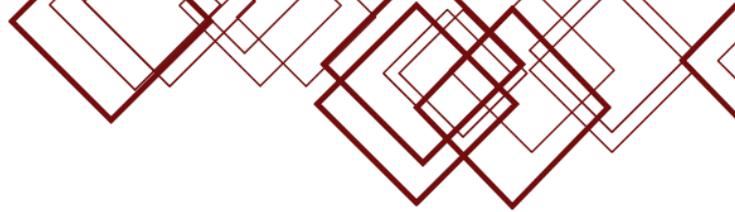
brilho emitido pelo *Sidus Iulium* ou “Estrela Júlia” sem qualquer alusão à cauda ou crina típica dos cometas.

Ademais, o reconhecimento do *status* divino de César não foi algo instantâneo. Historicamente, o processo de *consecratio* se completou apenas em 42 a.C., quando sua divindade foi oficialmente decretada pelo Senado (BELTRÃO, 2013, p. 43-44). Segundo Michael Koortbojian (2013, p. 5-13), a rivalidade entre Otávio e Antônio e a instabilidade política de todos os lados impuseram uma série de obstáculos a este processo. No que diz respeito à documentação monetária, o título *Filius Diui* aparece pela primeira vez na epigrafia das moedas apenas em 40 a.C., com a legenda DIVI IVLI·F circundando a efígie de Otávio no anverso das emissões do moedeiro Tibério Sempônio Graco (RRC, 525, 1; 2). Na maioria das moedas que ostentam a efígie do *Diuus Iulius*, ou que trazem a representação do seu Templo, é a estrela de oito pontas e não a imagem do cometa que aparece como evocativo de sua apoteose astral (RRC, 480, 5a; 5b; 534, 1; 540, 1; 2). O cometa, propriamente dito, só aparece nas moedas romanas por volta do ano 18 a.C. Já a sede da nova potestade, ou o assim denominado *Aedes Diui Iulii*, foi inaugurada apenas em 29 a.C., ou seja, treze anos depois de sua dedicação pelos Triúnviros.

Isto posto, o presente artigo tem por objetivo investigar, a partir das fontes numismáticas e dos vestígios do Templo do Divino Júlio, o processo de construção da divindade de César e sua vinculação ao cometa/estrela de 44 a.C. Para isso, foi selecionado um *corpus* monetário, datado entre o final do governo de Caio Júlio César e a década de 10 a.C. do Principado de Augusto. Respeitadas as características formais e tipológicas da referida documentação, acreditamos que as moedas apresentam um contraponto interessante às narrativas historiográficas e aos testemunhos poéticos, no que diz respeito ao tema da divinização de César e ao tratamento dado ao fenômeno celeste de 44 a.C.

O tema divinização astral nas moedas romanas

Muito além do material descontextualizado que aparece no mercado dos colecionadores, as moedas são objetos de origem arqueológica que agrupam informações técnicas (composição, peso, liga metálica) e internas (tipos monetários, iconografia, legenda), cujo valor como fonte de conhecimento histórico aumenta em proporção direta à fidelidade com que é possível averiguar seu contexto de emissão, circulação e achado. As cunhagens monetárias romanas oferecem aos especialistas a vantagem de identificar eventos que são, em geral, contemporâneos ou cronologicamente próximos à data de sua emissão. Isso fica evidente – com o uso do denário



–, para fins propagandísticos, em especial, pelas famílias da aristocracia romana, a partir do final do século II a.C. e, como consequência, para a divulgação de espetáculos, construções e conquistas militares, por meio das moedas (FLOWER, 2010, p. 75; FLORENZANO, 2009, p. 46). A competição política entre Mário e Sila, depois entre Pompeu e César e, por fim, entre os Triúnviros da segunda geração, por exemplo, desencadeou os mais variados usos do suporte monetário para fins propagandísticos. A propósito deste contexto, o numismata italiano, Adriano Savio (2001, p. 117), afirma o seguinte:

De um ponto de vista numismático, a República morre quando César, não muito antes de ser assassinado, obtém do Senado o direito de colocar seu retrato cunhado nos denários, sob a supervisão dos *quattuorviri monetales* em menção à própria Ditadura perpétua e no reverso Vênus, sua divindade tutelar.⁵

O espaço do anverso, até então reservado à efígie das divindades romanas, era agora ocupado por um mortal que se fazia representar em um estilo similar ao dos soberanos helenísticos. Mesmo os denominados Libertadores e Triúnviros da segunda geração aderiram à prática de estampar seu rosto nas moedas.⁶ Em especial, os últimos anos da guerra entre Pompeu e César presenciaram o aumento da emissão monetária *imperatoria* sobre a *urbana* (SAVIO, 2001, p. 11). Ou seja, moedas emitidas em campanha por oficinas itinerantes, com a finalidade de pagamento das tropas e sob a autoridade dos *imperatores*. Isto significou uma maior autonomia para a escolha das mensagens visuais veiculadas e o aumento das referências pessoais (conquistas militares, cargos sacerdotais, divindades protetoras) e de cunho familiar (com a celebração de ancestrais ilustres ou mitológicos) nas moedas.

O motivo iconográfico da estrela de oito pontas, que será posteriormente associada ao *Diuus Iulius*, trilhou um caminho pouco peculiar nas moedas republicanas. Nas mais antigas cunhagens romanas, a estrela de oito pontas esteve associada a potestades como Apolo e Minerva (RRC, 1a; 1b). A partir do século I a.C. este elemento aparece vinculado também aos Dióscuros, Mercúrio e Júpiter. Foi, porém, Caio Júlio César o primeiro a incorporar a estrela de oito pontas à representação de Vênus nas moedas. A partir da vitória sobre Pompeu em Farsalos (48 a.C.), a celebração da genealogia familiar dos *Iulii Caesares* se torna presente nas construções e na iconografia das moedas emitidas por César e seus partidários.

⁵ O autor se refere às moedas presentes em: RRC, 480, 7a; 7b.

⁶ Exemplos dessa prática podem ser encontrados em: RRC, 490, 2; 492, 1; 506, 1a; 507, 1b; 508, 3.



A moeda abaixo foi cunhada durante a campanha militar na Hispânia, entre 45-46 a.C. (Figura 1). O denário rememora a conquista da Gália em um momento de novos conflitos civis, ao mesmo tempo em que celebra a genealogia divina dos *Iulii Caesares*. O anverso traz a efígie de Vênus voltada para a esquerda com diadema na frente, entre um *lituus* e um cetro. Chama a atenção o detalhe no coque da divindade com a estrela de oito pontas. Este atributo pode ser interpretado como uma alusão à estrela de Vênus que, no mito troiano, guiou o caminho de Eneias à Itália, tal como sugere Nandini B. Pandey (2013, p. 418), ou meramente um atributo sideral, convencional nas representações monetárias das divindades.

Figura 1 – Denário cunhado durante a campanha militar na Hispânia, entre 45-46 a.C.



Fonte: RRC 468, 2. © Trustees of the British Museum. Reprodução autorizada para fins acadêmicos.

No reverso, acima da legenda CAESAR, aparece um troféu antropomórfico⁷ com indumentária e armas gaulesas: escudo oval e *carynx*, na mão direita, escudo oblongo e *carynx* na mão esquerda. Prostados aos pés do troféu encontram-se dois cativos gauleses, um homem e uma mulher.

O referido elemento imagético será reapropriado pelas cunhagens subsequentes, para anunciar o *status* divino de César e de seus herdeiros. Por exemplo, em um dos denários emitido sob a autoridade de Públio Sepúlio Macro (Figura 2) – improvável saber se antes ou depois dos

⁷ O vocábulo provém da transcrição latina do grego *tropaion* e designava, por sua vez, o monumento de vitória constituído a partir dos espólios do inimigo. Essas armas eram apuradas em um tronco ou feixe de varas de forma a constituir uma espécie de manequim.

idos de março de 44 a.C. –, a estrela de oito pontas aparece justaposta à efígie do próprio César no anverso da moeda, seguida da legenda CAESAR IMP, que se traduz por “César [aclamado] Imperador”. Enquanto, no reverso, Vênus é representada portando uma Vitória na mão direita e segurando uma lança na mão esquerda, com a legenda P·SEPVLLIVS MACER, em sentido horário (RRC, 480, 5a; 5b). Sobre este indivíduo nada sabemos além da epigrafia das moedas de 44 a.C.

Figura 2 – Denário emitido sob a autoridade de Públio Sepúlio Macro, séc. I



Fonte: RRC 480, 5a. © Trustees of the British Museum. Reprodução autorizada para fins acadêmicos.

100

Ao contrário do que as memórias de Augusto e as fontes tardias sugerem, nos primeiros anos de sua carreira política, o jovem Otávio não detinha qualquer exclusividade da representação imagética de César, tão pouco o controle da opinião pública sobre o fenômeno celeste. No que concerne à cronologia numismática, a estrela radiada aparece primeiro nas emissões de Marco Antônio. No reverso de um denário cunhado por ele e Gneu Domínio Aenobarbo, no ano de 40 a.C., a estrela radiada aparece posicionada acima da proa de uma embarcação com o *rostrum* (RRC, 421, 1; 421, 2). Já no ano de 39 a.C., em uma das emissões, celebrando a aliança conhecida como Segundo Triunvirato, a estrela de oito pontas surge junto à efígie de Antônio que, no anverso, está circundada pela legenda M·ANTON·IMP·III·VIR·R·P·C, “Marco Antônio, Aclamado Imperador e Triúmviro para a Proteção da República”, como podemos ver na Figura 3.



Figura 3 –Denário celebrando o Segundo Triunvirato, 39 a.C.



Fonte: RRC 528, 2a. © Trustees of the British Museum. Reprodução autorizada para fins acadêmicos.

101

Por sua vez, a efígie de Otávio, posicionada no reverso, é desenhada com barba, circundada pela legenda CAESAR·IMP·III·VIR·R·P·C, que se traduz por “César, aclamado Imperador, Triúnviro para a Proteção da República”. Este denário foi cunhado em campanha no Leste e, segundo Crawford (1974, p. 531), trata-se de um marco da reconciliação dos Triunviros em *Brundisium*, no final dos anos 40 a.C., assim como o famoso áureo que celebra o casamento de Antônio com Otávia (RRC, 527).

Como já apontado, o principal indicativo da oficialização da *consecratio* de César na documentação monetária consiste na divulgação do título de *Filius Divi*, “Filho do Divino [Júlio]”, vinculado a Otávio, na emissão do moedeiro Tibério Semprônio Graco, em 40 a.C. No anverso do áureo, cunhado em Roma, aparece a efígie de Otávio com barba, em sinal de luto, circundada pela legenda DIVI·IVLI·F, que se traduz por “Filho do Divino Júlio”. Já no reverso desta moeda, vemos uma representação da Fortuna, voltada para a esquerda, segurando um leme na mão direita e apoiando uma cornucópia no braço esquerdo (RRC 525, 1). No entanto, a estrela de oito pontas aparece nas cunhagens de Otávio e, vinculada mais diretamente ao *Divus Iulius*, apenas a partir de 38 a.C. Um áureo deste ano, emitido sob a autoridade de Otávio e Marco Vipsânio Agripa apresenta, no anverso, a efígie laureada de Caio Júlio César, circundada pela legenda IMP·DIVI·IVLI·F·TER·III·VIR·R·P·C, que se traduz como “Aclamado Imperador pela Terceira Vez, Filho do Divino Júlio, Triúnviro para a Proteção da República”, em referência ao próprio Otávio (Figura 4).

Figura 4 –Áureo cunhado sob a autoridade Otávio e Marco Vipsânio Agripa, 38 a.C.



Fonte: RRC 534, 1. © Trustees of the British Museum. Reprodução autorizada para fins acadêmicos.

Como é possível perceber na imagem acima, a estrela radiada encontra-se posicionada próxima à frente da efígie laureada de César. Por sua vez, no reverso, desprovido de tipo iconográfico, está apenas a legenda M·AGRIPPA·COS DESIG, ou seja, “Marco Agripa, Cônsul Designado” (RRC 534, 1).

102

De acordo com Pandey (2013, p. 419), Otávio não precisou inventar o *Sidus Iulium* em 44 a.C., pois “a ideia da divindade de César e sua representação por meio de uma estrela já fazia parte do discurso cultural romano e já circulava na forma monetária por volta da morte de César”. A estrela de oito pontas volta a figurar em um áureo e um denário do ano 36 a.C. (Figura 5), em uma posição central do frontão do Templo do Divino Júlio (RRC 540, 1; 2).

Figura 5 –Denário representando uma estrela e o Templo do Divino Júlio, 36 a.C.



Fonte: RRC 540, 1. © Trustees of the British Museum. Reprodução Autorizada para fins acadêmicos.



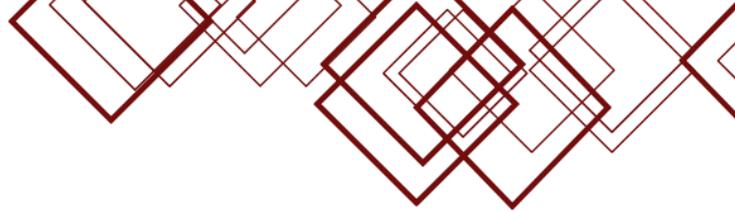
No anverso do denário acima, a efígie de Otávio aparece com barba e está voltada para a direita, circundada pela seguinte inscrição em sentido horário: IMP·CAESAR·DIVI·F·III·VIR·ITER·R·P·C, que pode ser traduzida como “César [aclamado] Imperador, Filho do Divino [Júlio], novamente [eleito] Triúnviro para a proteção da República”. No reverso, é possível distinguir um templo em estilo tetrástilo e, no interior, uma figura portando um *lituus* na mão direita, uma provável representação da estátua do templo. A arquitrave ostenta a inscrição DIVO·IVL, “Ao Divino Júlio”, com a estrela de oito pontas no centro do frontão. Por fim, à esquerda da edificação aparece um altar iluminado.

103

Importa destacar que o reverso deste denário consiste em uma das mais antigas representações monetárias da estátua de culto do *Diuus Iulius* e, ao contrário do que Augusto declara em suas memórias, está paramentada com vestes augurais, sem qualquer estrela adicionada à frente da estátua. O simulacro ostenta um proeminente bastão augural – ou *lituus* – na mão direita com túnica e *capite velato*, ou seja, com a cabeça coberta. Entre as principais competências do colégio dos áugures, além da interpretação e manutenção da lei augural, competia assistir e observar auspícios, conduzir cerimônias como o *augurium salutis*, inaugurar templos e magistrados e anunciar os *signa oblativa* (CHAMPEAUX, 2002, p. 74-75; 93-94). Nesta representação prospectiva do Templo, optou-se por caracterizar o *Diuus Iulius* a partir da dignidade augural que César exerceu em diversos momentos de sua carreira política.

Para Michael Koortbojian (2013, p. 24), caracterizar o *status* divino de um mortal convertido em *diuus* impunha uma série de desafios e incertezas, tendo em vista o repertório das representações antropomórficas das divindades romanas. Ainda, segundo o autor, a figura de Rômulo e de outros áugures da tradição republicana, como Ato Návio,⁸ podem ter servido como modelos para a apresentação do *Diuus Iulius* no formato de uma *statua auguralis* (KOORTBOJIAN, 2013, p. 63). Como veremos adiante, a caracterização da estátua de culto do *Diuus Iulius*, em associação com o cometa (*sidus crinitus*) propriamente dito, é um aspecto que se torna convencional nas últimas duas décadas do governo de Augusto.

⁸ Célebre áugure do período monárquico que, segundo a tradição registrada por Tito Lívio, impediu que Tarquínio o Antigo, realizasse alterações na organização militar romana sem, previamente, consultar a vontade dos deuses por meio dos augúrios. Segundo o autor, havia na escadaria próxima à esquerda da Cúria uma estátua dedicada a Ato Návio, com a cabeça velada (*capite uelato*), junto da qual se realizavam os comícios (Tito Lívio, *História Romana*, I, 36).



A construção e dedicação do *Aedes Diui Iulii*

Durante as exéquias do Ditador, o discurso de Marco Antônio teve um papel decisivo para incitar a plebe que improvisou uma pira funerária a partir de restos de mobília e cremou o corpo de César em frente ao *Regia* (GONÇALVES, 2010, p. 105). Nos meses subsequentes, os autores antigos registram que uma espécie de culto embrionário, parte espontâneo, parte estimulado por um suposto neto de Caio Mário, começou a tomar forma. Suetônio (*Vida de César*, 85) informa que uma coluna de mármore numídico de vinte pés de altura foi erigida no local, com a inscrição *Parens Patriae*. Por sua vez, Apiano e Dion Cássio recordam que um monumento na forma de um altar foi instituído por um suposto parente de César e Mário, chamado Amacio. Especificamente Apiano atesta que este indivíduo foi colocado a ferros e o altar improvisado destruído, por ordem de Antônio, ainda em 44 a.C. (Apiano, *Sobre a Guerra Civil*, II, 148).

A aliança conhecida como Segundo Triunvirato foi determinante para a formalização da *consecratio* de César e o projeto do *Aedes Diui Iulii*. De acordo com Dion Cássio (*História Romana*, XLVII, 18, 1-2), elevar o Ditador morto às últimas honras trazia aos Triúnviros uma espécie de imunidade na perseguição dos rivais. Por decreto de Otávio, Marco Antônio e Lépido, o Templo foi dedicado em 42 a.C. e jogos foram instituídos em memória de César (Dion Cássio, *História Romana*, XLVII, 18, 1-2; LI, 22, 4-9). Algumas honrarias e interdições foram ainda estabelecidas tais como: uma nova estátua (*agalmata*) para ser carregada nas procissões circenses, a celebração pública de seu aniversário, a transformação do dia do assassinato do Ditador em nefasto e, por fim, a proibição de ostentar sua imagem nos funerais (Dion Cássio, *História Romana*, XLVII, 18, 1-2). Dentre essas medidas dos Triúnviros, é plausível supor que um altar público fosse também instituído, o que, provavelmente, aparece em evidência na cunhagem monetária de Otávio (KOORTBOJIAN, 2013, p. 43).

Erigido no local onde o corpo de César foi cremado, em pleno Fórum romano, pouca coisa sobreviveu da edificação conhecida como *Aedes Diui Iulii*. Segundo Clare Rowan (2019, p. 140), não é de todo incomum a prática de divulgar nas moedas estruturas que ainda não foram concluídas, tal como o Templo *Clementia Caesaris*, representado nas moedas de Públio Sepúlio Macro, que nunca chegou a ser finalizado, ou o Templo do *Diuus Iulius* representado no denário de Otávio, sete anos antes de sua inauguração. Boa parte do programa construtivo e das mensagens transmitidas por meio dos monumentos tem como escopo a população que residia fora da capital e que poderia visitar Roma. No entanto, as moedas poderiam ampliar esta audiência do ponto de vista geográfico e sociopolítico (ROWAN, 2019, p. 139). Embora seja



tentador compreender o uso das moedas como um recurso para a reconstrução da superestrutura e elementos decorativos das edificações romanas, este procedimento deve ser seguido com cuidado, considerando que não se tratam de meras fotografias dos monumentos. O Templo do *Diuus Iulius*, por exemplo, foi dedicado por Otávio apenas em 29 a.C., no curso das celebrações do seu Tríplice Triunfo (Augusto, *Res Gestae*, 19; Dion Cássio, *História Romana*, LI, 22, 2). Segundo Macsuelber de Cássio Barros da Cunha (2020, p. 120), a consagração adiada deste templo foi um gesto político de Otávio, pois “em termos de importância a dedicação de um templo era a cerimônia mais importante, que conferia prestígio àquele que o dedicou e ligava seu nome à história do templo”.

A partir das dimensões remanescentes do *podium* (Figura 6), ou seja, de 24,5 m x 27 m, e da própria indicação de Vitruvius, ao afirmar que o templo seria arranjado sob a forma de picnóstilo,⁹ os especialistas calculam que o *Aedes Diui Iulii* tivesse seis colunas ao invés de quatro, tal como figura no denário de 36 a.C. (RICHARDSON, 1992, p. 213-214; CLARIDGE, 2010, p. 101; KOORTBOJIAN, 2013, p. 42).

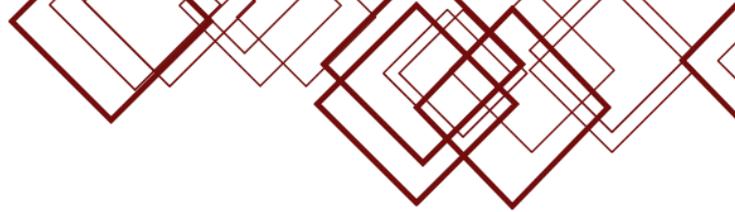
105

Figura 6 – Ruínas do *podium* do *Aedes Diui Iulii*, Fórum Romano



Fonte: Fotografia do autor, realizada em 21 de agosto de 2014.

⁹ De acordo com Vitruvius (*Tratado sobre a Arquitetura*, III, 3, 2, tradução de Macsuelber C. B. Cunha): “Picnóstilo é o arranjo no qual o espaço entre colunas tem apenas uma vez e meia sua espessura, tal como no Templo do Divino Júlio e no Templo de Vênus no Fórum de César e em outras construções similares”.



O núcleo duro do *podium* foi constituído de *opus caementicium* envolvido nas laterais com blocos talhados de tufo que, por sua vez, foram recobertos com placas de travertino. De acordo com Amanda Claridge (2010, p. 100), quase todos os blocos de tufo e travertino foram espoliados do *podium* e boa parte dos elementos decorativos do templo desapareceu no processo de ampliação dos jardins papais, ocorrido no século XVI, ou nos fornos de cal. Da superestrutura, algumas seções do friso com ornamentos em acanto e partes da cornija que nos chegaram sugerem que a construção seguia a ordem coríntia (CLARIDGE, 2010, p. 100).

Considerando as semelhanças estruturais apontadas por Vitrúvio em relação ao Templo de Venus *Genetrix*, é plausível supor que o plano arquitetônico do *Aedes Divi Iuli* não destoasse muito dos edifícios religiosos do contexto: com alto *podium* e traçado próstilo, ou seja, com orientação frontal (Figura 7).¹⁰ Sobre a decoração interna, Plínio, o Velho (*História Natural*, XXXV, 36, 91-92), registra que, entre os espólios de guerra depositados por Augusto no Templo do *Divus Iulius* está a pintura atribuída a Apeles, a dita Vênus Anadiomena,¹¹ saqueada do Santuário de Asclépio na ilha de Cós.

Figura 7 – Reconstrução digital hipotética da primeira fase do templo



Fonte: Reconstrução feita pelo Winckelmann-Institut da Humboldt-Universität of Berlin. Disponível em: <http://www.digitales-forum-romanum.de/gebaeude/caesartempel/>

¹⁰ Conferir as propostas de reconstrução digital do Templo pelo Laboratório de Realidade Virtual da UCLA em: <http://wayback.archiveit.org/7877/20160919154621/http://dlib.etc.ucla.edu/projects/Forum/reconstructions/IuliusDivusAedes_1> e do projeto de Reconstrução Digital do Fórum Romano pelo **Winckelmann-Institut da Humboldt-Universität of Berlin**, em: <http://www.digitales-forum-romanum.de/gebaeude/caesartempel>.

¹¹ O epíteto vem do verbo grego *Αναδυομένη*, indicando aquela que se levanta do mar, uma vez que a obra retrata o nascimento de Afrodite.



A parte frontal da plataforma de 3,5 m de altura exhibe um recesso semicircular – posteriormente bloqueado por uma parede de blocos de tufo –, que contém os vestígios de uma base de pedra (RICHARDSON, 1992, p. 213-214). Devido ao aspecto deteriorado desta pilastra em *opus caementicium* não é possível estabelecer, com segurança, a função deste nicho na estrutura do edifício. Para alguns autores, esta cavidade poderia conter um altar flamejante, como o retratado na moeda de Otávio, também marco espacial da pira funerária de César (CLARIDGE, 2012, p. 101; KOORTBOJIAN, 2013, p. 42-43). Outra possibilidade é que o recuo servisse como uma espécie de *asylum* sagrado tal como o descrito por Dion Cássio (*História Romana*, XLVII, 19) e bloqueado no final do governo de Augusto (COARELI, 2008, p. 90). A parte frontal do *podium* com o muro de contenção do nicho foi, por vezes, identificada aos *Rostra Ad Diui Iulii*, um monumento decorado com os esporões dos navios capturados no Ácio e utilizado como plataforma pelos oradores¹² do Principado (RICHARDSON, 1992, p. 213-214; PHILLIPS, 2011, p. 378).¹³

107

Inicialmente, um projeto dos Triúnviros, a inauguração do *Aedes Diui Iulii* por Otávio é um importante marco no que diz respeito à formalização das honras divinas a César. Peça central na remodelação da parte sudeste do Fórum Republicano, o Templo do Divino Júlio ganhou um novo destaque com a instalação de um Arco Triunfal, comemorativo da vitória sobre a Pártia (19 a.C.) e do pórtico dedicado aos netos, Caio e Lúcio.¹⁴ O contexto do Principado define uma relação diferente com o ícone da *consecratio* de César que, nas moedas, aparece diretamente vinculado à *auctoritas* do governante, identificado nas legendas pelo título de Augusto.

¹² Frontino nos informa sobre uma proposta de lei apresentada “nos *Rostra* diante do Templo do Divino Júlio” – *pro rostris aedis Diui Iuli*. Sobre esta plataforma, Otávio pronunciou o discurso por ocasião do funeral da irmã, Otávia, e Tibério prestou as mesmas honras fúnebres ao padrasto, Augusto (Dion Cássio, *História Romana*, XLVII, 19; Suetônio, *Vida de Augusto*, 100, 3).

¹³ Esta hipótese não encontra consenso entre os especialistas. Sobre o posicionamento discordante conferir: Mario Torelli (1982) e Filippo Coarelli (1985). Com base em um estudo criterioso das ruínas do *podium*, da documentação monetária do governo de Adriano e da iconografia do Templo no conjunto de relevos escultóricos conhecidos como ‘*Plutei Traiani*’, Coarelli (1985, p. 308-324) está convencido que os *Rostra Aedis Diui Iulii* consistem em uma plataforma contígua, porém separada do edifício e não podem ser confundidos com a parte frontal do *podium*.

¹⁴ Sobre um estudo mais aprofundado acerca do Arco Parto, no Fórum Romano, conferir a tese de doutorado de Macsuelber de Cássio Barros da Cunha (2020, p. 327-333).

O cometa nas moedas do Principado de Augusto

A estrela acompanhada de uma cauda (*sidus crinitus*), anunciada nas memórias do *Princeps*, não aparece na documentação monetária antes do início da década de 10 a.C. As primeiras emissões a ostentar o objeto são provenientes das colônias romanas situadas na Hispânia: *Caesaraugusta* (Saragoça) e Colônia Patrícia (Córdoba) (RIC I Augustus, 37a; 37b; 38a; 38b, 102). Datado entre 19 e 18 a.C., o denário de Colônia Patrícia traz no anverso a efígie de Augusto com a coroa de louros, ou coroa triunfal na fronte (RIC I Augustus, 102). Em sentido horário, a legenda CAESAR AVGVSTVS circunda a imagem do *Princeps*. O reverso da moeda apresenta a estrela de oito pontas com cauda flamejante, cortada pela inscrição DIVVS IVLIVS, sendo, neste sentido, a mais antiga representação iconográfica do cometa de César, tendo em vista o *corpus* monetário romano (Figura 8).

Figura 8 – Denário de Colônia Patrícia, 19 ou 18 a.C.



Fonte: RIC I Augustus, 102. ©Trustees of the British Museum. Reprodução autorizada para fins acadêmicos.

O cometa figura também nas emissões do moedeiro Marco Sanquínio em comemoração aos Jogos Seculares (RIC Augustus 339; 340) celebrados na capital, em 17 a.C. Um dos denários traz no anverso o arauto dos jogos seculares segurando um caduceu na mão direita e um escudo redondo na mão esquerda. Em sentido anti-horário, aparece a inscrição AVGVST DIVI F LVDOS SAE, traduzida como “Augusto Filho do Divino [Júlio promoveu] os Jogos Seculares” (Figura 9).



Figura 9 – Denário emitido em comemoração aos Jogos Seculares, em 17 a.C.

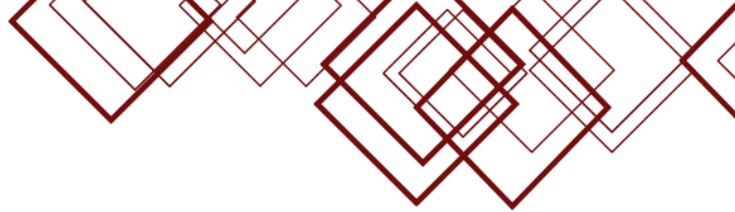


Fonte: RIC Augustus 340. ©Trustees of the British Museum. Reprodução autorizada para fins acadêmicos.

109

No reverso da moeda aparece a efígie laureada de um jovem, identificado com a figura de César Divinizado, cujo topo da cabeça desponta um cometa de seis raios e cauda. Segundo Robert Gurval (1997, p. 60), além dessa, sugerem-se como propostas de interpretação do reverso, a representação do *Genius* dos Jogos Seculares ou a efígie de Ascânio/Iulo, ancestral epônimo da *Gens Iulia*, amplamente conhecido a partir da publicação da *Eneida* de Virgílio. Em sentido horário, figura a inscrição M SANQVINIVS III VIR, traduzida como “Marco Sanquínio Triúnviro Moedeiro” (RIC Augustus 340). Outro denário, do mesmo moedeiro, traz no anverso a efígie de Augusto, ladeada pela inscrição AVGVSTVS DIVI F, ou seja, “Augusto Filho do Divino [Júlio]”. O reverso revela o mesmo tipo do denário anterior com a inscrição SANQVINIVS III VIR, que significa “Marco Sanquínio Triúnviro Moedeiro” (RIC Augustus 338). No imaginário romano, a cerimônia dos Jogos Seculares anunciava o começo de uma nova geração ou *saeculum*, compreendido como a máxima extensão de tempo de uma vida humana. Segundo Cláudia Beltrão (2006, p. 148), a edição dos Jogos Seculares de 17 a.C. compreende um misto de releituras e a manutenção de aspectos tradicionais:

A data em que Augusto os celebrou (17 a.C.), de modo a marcar o início de uma era nova e melhor para a humanidade, não visava à contagem tradicional do tempo, mas uma nova contagem, a partir de uma criativa releitura da história. Percebemos, também, que os próprios rituais foram fundamentalmente alterados em relação a sua versão republicana. Pouca coisa é clara nesta “colcha de retalhos” que são os relatos que temos dos primeiros tempos; mas sabemos que os destinatários do ritual eram divindades infernais – primeiramente *Dis Pater* e sua rainha, Prosérpina. Na versão augustana, estes deuses foram substituídos por Júpiter, Juno, Apolo e Diana; a Ode (*carmen seculare*) escrita para a ocasião, por Horácio, mostra que o ritual foi



bastante transformado. Detectamos, porém, certa continuidade nos rituais e nos sacerdócios, com fórmulas e tradições que remontavam aos primeiros tempos.

Amplamente divulgada pelas moedas, a edição dos Jogos Seculares de 17 a.C. se desenrolou por três dias e três noites em uma sequência de sacrifícios, hinos religiosos e performances teatrais. Os estudiosos que se debruçaram sobre o tema, apontam possibilidades de conexão entre a evidência da moeda de Sanquínio e a passagem de um corpo celestial luminoso anotado por Júlio Obsequente no *Livro dos Prodígios* (71), um relato cronístico dos portentos que foram constatados em Roma entre o ano 249 a.C. e 12 a.C. Vejamos:

No consulado de Caio Fúrnio e Caio Silano [737 Desde a Fundação da Cidade/17 a.C.]

Sob os Apeninos, na casa de campo de Lúvia, esposa de César, a terra tremeu com um forte terremoto. Um meteoro varreu o céu do sul ao norte, tornando a noite semelhante à luz do dia (Júlio Obsequente, *Livro dos Prodígios*, 71, tradução de Sara Anjos).¹⁵

Na língua latina, o leque semântico de *fax* é amplo, dessa forma, a palavra pode trazer o sentido de tocha, archote, indicando o facho nupcial, ou, em referência aos portentos astronômicos, indicar um meteoro luminoso ou estrela cadente (FARIA, 1962, p. 392). Júlio Obsequente (*Livro dos Prodígios*, 11; 12; 24; 41; 45; 51; 53; 68) utiliza o termo *fax* para designar mais oito ocorrências de meteoros, todavia, refere-se à aparição da estrela do ano de 44 a.C., associada posteriormente à apoteose de César como “*stella crinita*”, “cometa”, “*sidus*”, “astro” ou simplesmente “estrela”. O evento astronômico do ano 17 a.C., ou seja, a passagem deste meteoro ou estrela cadente, no entanto, não foi registrado por nenhuma outra fonte, além do *Liber Prodigiousum*.

Outro episódio, registrado por Sêrvio Honorato, célebre escoliasta da obra de Virgílio, associa a manifestação do astro de 44 a.C. com o advento de um novo *saeculum*. No comentário à *Écloga IX*, Sêrvio (*Comentário às Éclogas*, IX, 46) anota que: “o arúspice Vulcânio disse, em uma assembleia, que esse cometa indicava o fim do nono século e o início do décimo”.¹⁶ O escoliasta ainda acrescenta que o sacerdote ousou revelar assuntos interditos, contra a vontade

¹⁵ No original: “C. Furnio C. Silano coss. [A.U.C. 737 / 17 B.C.]. Sub Appennino in villa Liviae, uxoris Caesaris, ingenti motu terra intermuit. Fax caelesti a meridiano ad septentrionem extenta luci diurnae similem noctem fecit [...]” (Júlio Obsequente, *Livro dos Prodígios*, 71).

¹⁶ No original: “Vulcanius aruspex in contione dixit cometen esse, qui significaret exitium noni saeculi et ingressum decimi” (Sêrvio, *Comentário às Éclogas*, IX, 46).



dos deuses, por essa razão, caiu morto em plena assembleia (Sérvio, *Comentário às Éclogas*, IX, 46).

O registro acima permite vislumbrar toda a sorte de especulação que o portento celeste de 44 a.C. ocasionou, bem como seu tratamento polissêmico na documentação literária e monetária, visto que o relato sobre o arúspice o associa com o advento de um novo *saeculum*. Dion Cássio (*História Romana*, XLV) oferece um tênue vislumbre do clima de incerteza instaurado pela aparição do astro durante o episódio dos Jogos de 44 a.C. Dessa maneira, é plausível supor que a comemoração dos Jogos Seculares, adiada até 17 a.C., pode ter ocasionado a retomada celebrativa do tema da estrela de César nas moedas, agora, claramente representada no formato de um cometa. Acrescenta-se a isso o fato de que nenhum dos poetas, como Horácio, Virgílio ou Propércio, cronologicamente mais próximos do episódio, referem-se ao portento como um cometa ou uma estrela comada.

Um denário datado do ano 12 a.C. retoma o motivo da estrela de oito pontas (Figura 10). Lúcio Lentulo, moedeiro que opera sob a autoridade de Augusto é conhecido apenas por meio deste denário e ostenta o título de flâmine de Marte. No reverso da moeda, aparece a figura do *Princeps*, vergando uma coroa de louros e trajando toga. Este é identificado mediante o escudo redondo no qual estão gravadas as letras C.V (*Clipeus Virtutis*). O objeto aparece em várias moedas de Otávio e comemora a honraria obtida do Senado em 27 a.C., um broquel honorífico, afixado na Cúria, em reconhecimento de sua clemência, justiça e *pietas* (Augusto, *Res Gestae*, 34). No reverso do denário de Lentulo, Augusto posiciona uma estrela sobre a cabeça de outra figura, retratada em nudez heroica, aparentemente, uma representação ou estátua de culto do *Diuus Iulius*.¹⁷

111

¹⁷ Para Koortbojan a imagem possui uma associação plausível com a apoteose de César tendo em vista não apenas o episódio já alusivo das memórias de Augusto, mas a própria caracterização da estátua coroada em *hipmantle*, comum em outras representações do novo *diuus* (KOORTBOJIAN, 2013, p. 145). Assim, a caracterização do novo *diuus* na moeda de Lântulo, transita para um tipo heroico, mais que humano, diferente da estátua augural, ainda associada à carreira cívico-religiosa de César, que aparece no denário de 36 a.C.

Figura 10 – Denário emitido por Lúcio Lentulo, 12 a.C.



Fonte: RIC I Augustus 415. ©Trustees of the British Museum. Reprodução autorizada para fins acadêmicos.

Apoiada no braço esquerdo, a figura porta uma lança com um globo e uma *Victoriola* na mão direita. O gesto e os atributos remetem às representações de Vênus em algumas moedas precedentes e reiteram o papel da divindade como propiciadora da Vitória. Em sentido horário encontra-se gravada a legenda L LENTVLVS FLAMEN MARTIALIS, que se traduz por “Lúcio Lêntulo, Flâmine de Marte”. O tema do reverso desta moeda coaduna, em alguns aspectos, com o trecho já citado dos *Comentarii* de Augusto, no qual, a partir da aparição do astro nos céus de Roma, o sinal da estrela/cometa foi adicionado à estátua de César (Plínio, *História Natural*, II, 93).

112

Considerações finais

Os relatos tardios, muito possivelmente inspirados nos *Comentarii* de Augusto, atribuem, ao jovem Otávio, cuja posição como herdeiro de César sequer havia sido ratificada, um poder de manipulação ou controle da opinião pública sem precedentes. No entanto, um exame mais atento das fontes literárias e, sobretudo, das moedas cunhadas nas décadas de 40 e 30 revela que o corpo celeste que se manifestou nos idos de 44 a.C. e, posteriormente, foi identificado com a *anima* de César, suscitou múltiplas interpretações. Em consonância com o repertório iconográfico já conhecido, os magistrados moedeiros optaram por indicar a manifestação astral da divindade de César com a estrela de oito pontas. Este objeto, por exemplo, figura como um atributo astral da efígie de Vênus no anverso dos denários batidos durante a campanha de César na Hispânia (RRC 468, 2).



Neste artigo, buscamos minimamente sumarizar os percalços e hesitações que caracterizaram o processo histórico que culminou na oficialização da divindade de César, desde a adoção de uma estátua de culto até a construção de um espaço cerimonial e suas representações monetárias. Inicialmente, capturado pelas emissões de Marco Antônio, o tema da estrela de oito pontas, símbolo da apoteose astral do *Diuus Iulius*, aparece como exclusividade das cunhagens de Otávio apenas a partir de 38 a.C. Por sua vez, o cometa é um fenômeno relativamente tardio nas fontes do Principado, tanto no que diz respeito à documentação literária e à evidência monetária. A publicação dos *Comentarii* de Augusto, em meados da década de 20, a nova proeminência dada ao Templo do Divino Júlio, com a anexação do arco celebrativo da vitória sobre a Pártia, bem como a comemoração dos Jogos Seculares em 17 a.C., podem ter ensejado uma reconfiguração narrativa e imagética dos episódios concernentes à divinização de César (PANDEY, 2013, p. 432). Para os romanos que manuseavam essas moedas, a imagem de um cometa, com sua sugestão de movimento na esfera celeste, remetia ao processo pelo qual o *Dictator* assassinado teria se convertido em nova divindade e Otávio conseguido sua posição de *Filius Diui*. Sintomático desta reconfiguração narrativa e em um contexto mais tardio do Principado de Augusto, Ovídio retomará o tema da catasterização de César em suas *Metamorfoses*. O poeta de Sulmona não hesita em atribuir o processo da divinização ao herdeiro político, Otávio, ao dizer que “não foram tanto as guerras coroadas de triunfo, nem a glória [...] que o converteram em um novo astro – *sidus nouum* – e cometa – *stellamque comatem* – como foi seu filho – *sua progenies* (Ovídio, *Metamorfoses*, XV, 747-750, tradução de Domingos Lucas Dias).

113

Referências

Documentação textual

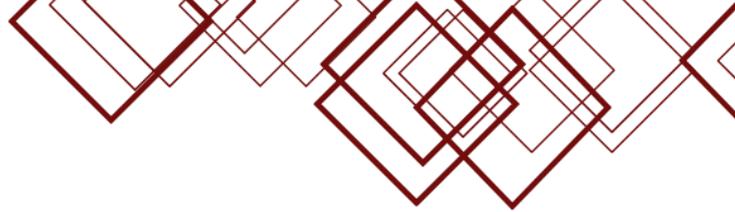
APPIAN. *Roman History*. Trans. Horace White. Harvard: Harvard University Press, 2013.

ARISTOTLE. *Metereologica*. Trans. H. D. P. Lee. Harvard: Harvard University Press, 1967.

AUGUSTO. *Res Gestae*. In: SUETÔNIO; AUGUSTO. *A vida e os feitos do Divino Augusto*. Tradução de Matheus Trevizam, Paulo Sérgio Vasconcellos e Antônio Martinez de Rezende. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

CICERO. *De Natura Deorum*. Trans. H. Rackham. Harvard: University Press, 1967.

DIO CASSIUS. *Dio's Roman History*. Trans. Earnest Cary. Harvard: University Press, 1924.



GAIUS SUETONIUS TRANQUILLUS. *The Lives of the Twelve Caesars*. Translated by Robert Graves; Introduction, editorial matter and revisions to the translation by James Rives. London: Penguin Classics, 2007.

HORÁCIO. *Odes*. Edição bilíngue. Tradução, introdução e notas de Pedro Braga Falcão. Inclui o *Cântico Secular*. São Paulo: Editora 34, 2021.

JÚLIO OBSEQUENTE. *Livro dos Prodígios*. Edição bilíngue. Editado por Matheus Trevizam e traduzido por Sara Anjos. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, 2022.

OVÍDEO. *Metamorfoses*. Edição bilíngue. Tradução, introdução e notas de Domingos Lucas Dias; apresentação de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, 2017.

PLINY. *Natural History*. Trans. H. Rackham. London: William Heinemann, 1967.

SERVIUS HONORATUS, M. *Servii Grammatici qui feruntur in Vergilii carmina commentarii*. Ed. Georgius Thilo and Hermannus Hagen. Leipzig: Teubner, 1881.

VIRGÍLIO. *Bucólicas*. Tradução e notas de Odorico Mendes; edição anotada e comentada pelo Grupo de Trabalho Odorico Mendes. Cotia; Campinas: Ateliê Editorial; Ed. Unicamp, 2008.

Documentação numismática

CRAWFORD, M. *Roman Republican Coinage*. Cambridge: University Press, 1974.

SEABY, H. A. *Roman Silver Coins*. London: Seaby Publications, 1978. v. 5.

SUTHERLAND, C. H. V. *The Roman Imperial Coinage*. London: Spink and Son Limited, 1984. v. 1.

114

Bibliografia

BELTRÃO, C. A religião na urbs. In: SILVA, G. V.; MENDES, N. M. (org.). *Repensando o Império Romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural*. Rio de Janeiro; Vitória: Mauad X; Edufes, 2006, p. 137-159.

BELTRÃO, C. *Diuus Iulius: Cícero e a divinização de Júlio César (Philippica 2)*. *Calíope*, v. 26, p. 31-46, 2013.

CHAMPEAUX, J. *La Religione dei Romani*. Bologna: Il Mulino, 2002.

CLARIDGE, A. *Rome: An Oxford Archaeological Guide*. Oxford: University Press, 2010.

COARELLI, F. *Il Foro Romano: Periodo Repubblicano e Augusteo*. Roma: Edizione Quasar, 1985.

COARELLI, F. *Roma: Guida Archeologica*. Bari: Laterza, 2008.

CUNHA, M. C. B. *Aspectos da arquitetura romana no governo de Otávio Augusto: construção e perpetuação da memória nos Templos de Apolo Palatino e de Marte Vingador (séc. I a.C.)*. 2020. 469 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

FARIA, E. *Dicionário escolar latino português*. Rio de Janeiro: Gomes de Souza, 1962.



FLORENZANO, M. B. B. A Origem das Moedas. In: FLORENZANO, M. B. B.; VIANNA, S. T. W.; CASTRO, M. B. *Faces da Moeda*. São Paulo: Olhares, 2009.

FLOWER, H. *Roman Republics*. Princeton: Princeton University Press, 2010

GLARE, P. G. W. (ed.). *Oxford Latin Dictionary*. Oxford; New York: Oxford University Press; Clarendon Press 1968/1982.

GONÇALVES, A. T. M. Honra e poder: o discurso de Marco Antônio após o assassinato de Júlio César na obra de Dion Cássio. In: GONÇALVES, A. T.; OMENA, L. M. (org.). *Literatura, poder e imaginários sociais no Mediterrâneo Antigo*. Goiania: Ed. Puc Goiás, 2010, p. 101-112.

GURVAL, R. Caesar's Comet: the politics and poetics of an Augustan myth. *Memoirs of the American Academy in Rome*, v. 42, p. 39-71, 1997.

GURZADYAN, V. G.; VARDANYAN, R. Halley's Comet on the Coins of Armenian King Tigranes? *Astronomy & Geophysics*, v. 45, n. 4, p. 4-6, 2004.

KOORTBOJIAN, M. *The divinization of Caesar and Augustus: precedents, consequences, implications*. Cambridge: University Press, 2013.

NISBET, R. G. M.; HUBBARD, M. *A commentary on Horace Odes: Book I*. Oxford: Clarendon Press, 1970.

115

PANDEY, N. B. Caesar's Comet, the Julian Star and the invention of Augustus. *Transactions of the American Philological Association*, n. 143, p. 405-449, 2013.

PHILLIPS, D. The Temple of *Divus Iulius* and the restauration of legislative assemblies under Augustus. *Phoenix, Classical Association of Canada*, v. 65, n. 3/4, p. 371-388, 2011.

RAMSEY, J. *A descriptive catalogue of Greco-Roman comets from 500 B.C. to A.D. 400*. Iowa City: University of Iowa Press, 2006.

RICHARDSON, L. *A New Topographical Dictionary of Ancient Rome*. London: Johns Hopkins University Press, 1992.

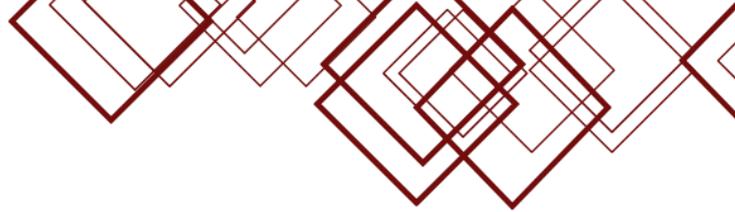
ROWAN, Clare. *From Caesar to Augustus (c. 49 BC - 14 AD): using coins as sources*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

SAVIO, A. *Monete Romane*. Roma: Jouvence, 2001.

SMITH, C.; POWELL, A (ed.). *The lost Memoirs of Augustus and the development of Roman autobiography*. Swansea: Classical Press of Wales, 2009.

TEIXEIRA, F. D. *Na Senda Tradutória da Ode: Horácio e Filinto Elísio*, 2018. 306 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2018.

TORELLI, M. *Typology & structure of Roman historical reliefs*. Ann Arbor: University of Michigan Press 1982.



Repositórios digitais

COINAGE OF THE ROMAN REPUBLIC ONLINE. Disponível em:
<<http://numismatics.org/crro/>> Acesso em: 10 de outubro de 2022.

ONLINE COINS OF THE ROMAN EMPIRE. American Numismatic Society. Disponível em: <<https://numismatics.org/ocre>> Acesso em: 10 de outubro de 2022.